

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO SR. DR.

RUY ROSSA

NO

Banquete que, a 30 de Novembro de 1895, lhe foi offerecido
pelo Director do

JORNAL DO COMMERCIO



RIO DE JANEIRO

Typographia do JORNAL DO COMMERCIO, de Rodrigues & Comp.

59 - 61 RUA DO OUVIDOR 59 - 61

1895

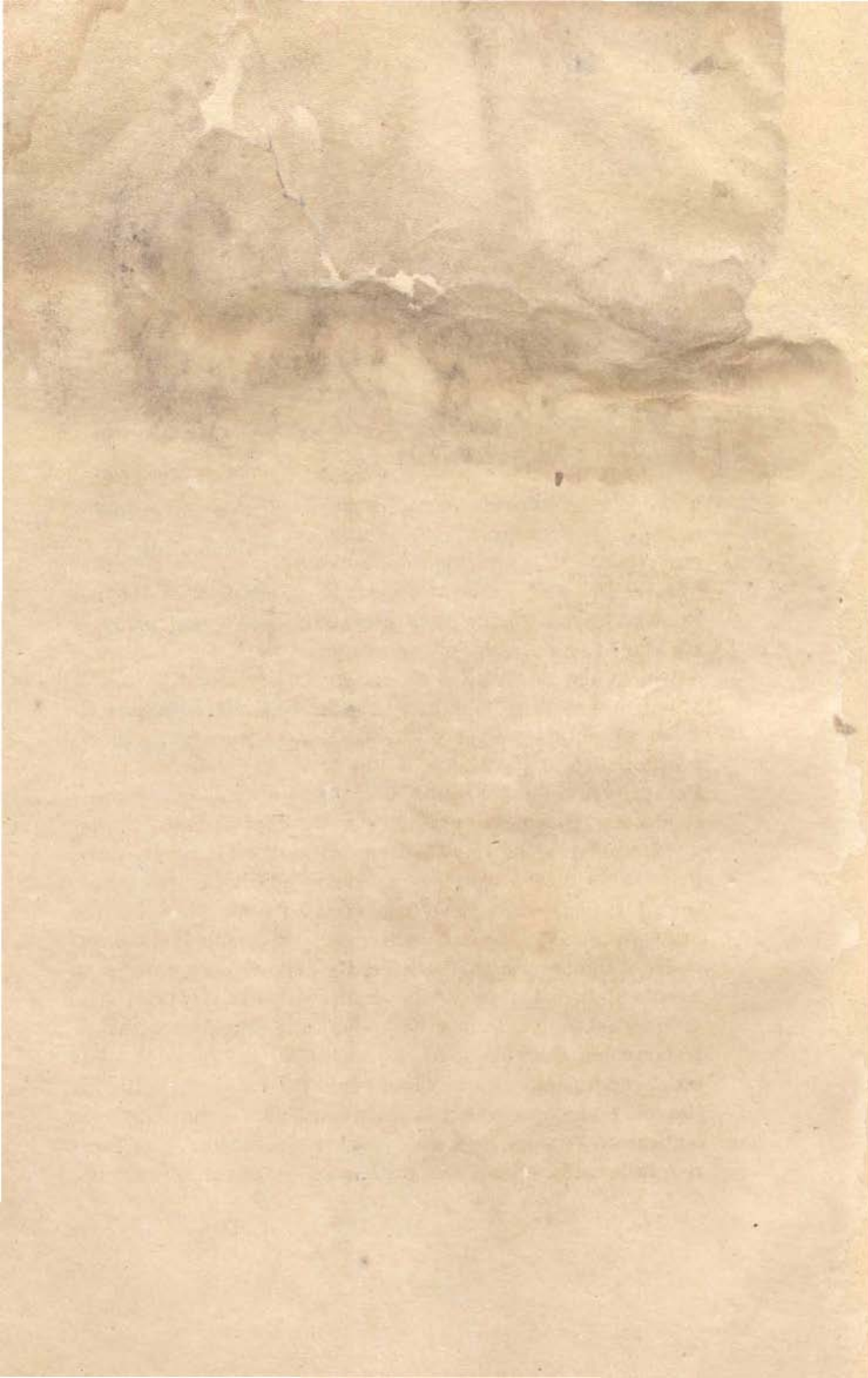
LVT



Nota do Editor

O director do JORNAL DO COMMERCIO querendo dar ao insigne escriptor e jurisconsulto Dr. Ruy Barbosa uma prova de apreço pelos serviços que prestára na imprensa á causa constitucional, em relação a reforma e jubilação forçadas de officiaes de terra e mar e lentes do ensino superior, deu a S. Ex. um jantar, no edificio do JORNAL DO COMMERCIO a 30 de Novembro de 1895, a que assistirão representantes das duas classes militares, senadores deputados e jornalistas.

Foi nesse jantar que o Sr. Dr. Ruy Barbosa pronunciou o discurso que ora reproduzimos do JORNAL, DO COMMERCIO de 2 de Dezembro.



Senhores

Em um desses processos famosos, cujos autos a historia archiva, o interrogatorio começou por este dialogo entre o réo e o presidente do tribunal: «— Accusado, vosso nome?—Francisco Renato, Visconde de Chateaubriand. — Vossa profissão? —Jornalista.» E' deste modo que se qualificava, em 1833, á barra do jury, o grande poeta, o grande artista, o grande regenerador litterario, o maior dos modernos escriptores francezes, o homem que escrevêra o *Genio do Christianismo*, traduzira Milton e arrostára Bonaparte. Tão multipla era a sua actividade, em tantas espheras da intelligencia era primaz o escriptor o historiador, o diplomata, o administrador, o antigo par de França, tantos titulos tinha, e de todos se esqueceu, para se condecorar, perante os seus juizes, com o de simples jornalista.

Imaginaí agora se não devo desvanecer-me, no modesto quinhão de merito com que me dotou a fortuna, recebendo, como jornalista, entre jornalistas, do maior orgão do jornalismo brazileiro, esta benevola homenagem, esta distincção preciosa. Poder, á sombra das tradições quasi seculares desta casa, neste círculo illustre de homens de imprensa, entre os quaes, não fallo sem o intimo tremor do receio, considerar-me e ver-me tratar como confrade entre confrades, é, asseguro-vos, uma satisfação reparadora, que não me inflamma a ambição, porque já a não tenho, que não me affaga o orgulho, porque nenhum sentimento se acha hoje mais obliterado em mim pela experiencia da vaidade das nossas pretenções,—mas que me encanta,

me conforta, me reconcilia com as cousas asperas do nosso destino, como o prazer de enxugar ao calor da lareira, após a borrasca, os membros resfriados, e recompôr, ao contacto da familia, depois das ausencias, dos desabores, dos naufragios, as forças alquebradas do cidadão.

Das minhas idéas relativas a este regimen tem variado é esta: a do jornalismo. Por ella principiou muito cedo a minha vida. Para ella tem tendido muitas vezes insistentemente. E, nessa mesma, na extincção precoce das minhas aspirações publicas, se alguma pudesse bruxolear ainda, seria a de abrir essa janella de minha alma, por onde me acostumei, durante tanto tempo, a conversar, todas as manhãs, para a rua, com os meus compatriotas, na mesma plenitude da franqueza com que se me dirigisse para dentro de mim mesmo. Vós não conheceis as minhas primeiras fainas no tirocinio dessa profissão: forão longas, laboriosas e acabárão em paz. As duas ultimas, porém, se passarão aos vossos olhos, com uma conspicuidade que mais me poza do que me lisonjeia. Sabeis o desenlace tempestuoso, que lhes coube. Basta dizer que a primeira findou em 15 de Novembro, a segunda em 5 de Setembro.

Naquella pugnava eu pela verdade na Monarchia constitucional; nesta pela verdade na Republica. Mas as duas épochas não comportavão a reacção moral desse severo exame de consciencia. O signo fatal dos regimens condemnados a perecerem influira-lhes a um a cegueira dos suicidas, a outro a obstinação dos degenerados; de sorte que não se podia dirigir, atravez da atmospherá saturada de principios violentos e paixões intolerantes, uma intensa corrente de propaganda liberal, sem vê-la immediatamente electrizar-se, e passar ao estado de raio. O resultado é que aquelles, que, como eu, não pretendião senão infundir nos animos o sentimento reconstructor do direito, erão para logo indigitados como brulotes, desordeiros e semeadores de insurreição. A tactica defensiva dos governos fundados no abuso está nisto: não se pôde abalar seriamente os alicerces aos interesses do arbitrio, sem que se incorra na accusação terrivel de estar

solapando os alicerces da sociedade. Como se exprimião os Judeus, quando leváção Jesus Christo ao pretorio de Pilatos? Lá está no Evangelho de S. Lucas : «Aqui fendes este homem, que encontrámos pervertendo a nossa nação.» (*Riso*). Tais situações são arriscadissimas para o socialista, em cujo espirito lavra o incendio da manutenção da fé nos princípios, a paixão ignescente do odio á tyrannia. E eis ahí como, por duas vezes, me vi revolucionario, sem querer sê-lo, e revolucionario, antes de o ser; quando, pelo temperamento reverencial da minha alma, pelos habitos methodicos do meu espirito, pelo pendor artistico do meu gosto, nunca fui senão um liberal de molde conservador, um amigo do progresso pela reforma, um incredulo na efficacia das revoluções. (*Apoiados*).

Thiers, á frente do Poder Executivo em França, na crise funesta de que emergio a solução republicana, salva pelo seu genio, recordava, um dia, á maioria conservadora da assembléa nacional que tinha levado quarenta annos a repetir á realza e ao Imperio que os príncipes estavam perdidos, se não reconhecessem que a monarchia constitucional, nos nossos tempos, não pôde ser senão uma variante da republica sob a presidencia de uma corôa. «Ha quaranta annos», dizia elle, «bem moço então, escrevi estas palavras:» «Se não quizerem passar a Mancha connosco, hão de ser condemnados a atravessar o Atlantico.» E a França teve de fazer, afinal, a viagem transatlantica, por não terem querido os seus principes fazer a do canal. O paiz, que não era republicano fez-se a Republica, porque os reis não quizerão republicanizar a Monarchia. A minha attitude de espirito era essa, evidentemente mais conservadora, a meu vêr, do que a dos que pretendião conservar o Imperio, conservando-lhe e accentuando-lhe nas combinações preparatorias ao terceiro reinado, o character essencialmente pessoal, que, conforme o testemunho unanime dos partidos imperiaes, corroía o segundo desde as suas origens. Nunca advoguei a Republica. Antes a declarei sempre intempestiva.

O que eu sustentava, é que a Republica seria feita pela obstinação senil do segundo reinado e pelo aulicismo congenito do terceiro. Ess. a minha linguagem no *Diario de Noticias*. Então eu não dispunha senão d'essa tribuna; porque a do parlamento me fôra vedada pela pressão do ministerio liberal na Bahia, e a da imprensa, só as antigas instituições, não tinha remedio para os abusos extremos do poder.

O novo regimen, porém, veio abrir ás reivindicações da liberdade immenso campo de triumphos. Sob a monarchia parlamentar as Camaras legalisão os actos menos legais do Executivo, e dos mais atrevidos attentados das Camaras contra a Constituição, não existe appello senão para o tribunal remoto, incerto, condescendente, ora oppresso, ora corrompido e, em ultima analyse, imaginario da eleição. As instituições republicanas desarmarão o Governo e a legislatura da faculdade de abusar. Subordinarão um e outra á Constituição escripta, e fizerão da magistratura a depositaria desta, a sua guarda, o seu oraculo. O asylo que os templos, noutras éras, offerecião aos criminosos, não encontra-lo agora os perseguidos no seio dos tribunaes. Os decretos da administração, as leis do Congresso serão citados perante elles e por elles acareados com o Direito constitucional. Envolvido no manto deste e apoiado na autoridade dos juizes, o individuo inermelutaria victoriosamente contra a vontade das maiorias politicas e o arbitrio das dictaduras administrativas. Esta feição, a mais bella do regimen americano, imprime-lhe, acima de tudo, um caracter fundamentalmente juridico. Mas tambem, se esse caracter se annulla, o regimen americano degenera no mais detestavel dos governos; o despotismo sem os freios da tradição, o parlamentarismo sem o ascendente das capacidades, a realza sem a limitação das ambições, a burocracia sem a estabilidade administrativa, o federalismo com os defeitos autoritarios da centralisação e a centralisação com os vicios dispersivos de federalismo. (*Apoiados*.) O obstaculo capital a tudo isso, o intermediario equilibrador entre o individuo e a autoridade, entre a União e os

Estados, reside na soberania absoluta da Constituição, interpretada pela magistratura.

Ao cair do golpe de 7 de Abril, portanto, senti vacillar sobre as suas bases o edificio da nossa directo constitucional, isto é, a Republica, a Necessidade; e, comprehendendo que, se não se tratava de resistencia immediata amassa á acção dos orgãos reparadores, estava fundado o meu plano, annunciei para logo a minha resolução de appellar para o Supremo Tribunal Federal. O estado de sitio assomava na politica nacional, revestindo fórmas inauditas, usurpando attribuições judiciaes, perpetuando-se na duração indefinida ou definitiva das penas que infligia. Tudo quanto depois se fez contra a Republica, no triennio florianista, estava contido naquella premissa. Sorpresa contra surpresa, porém, foi a do *habeas-corpus* contra a da suspensão de garantias. Nós não adivinháramos a dictadura, como esta não pensára na Constituição. Se as impressões, entre nós, não se delissem depressa, eu não precisaria de recordar o desconcerto e a raiva, com que foi acolhida essa evocação da justiça, na primeira orgia da irresponsabilidade presidencial. Lamentou-se que o atrevido houvesse escapado ao rol dos proscriptos, de onde se dizia que o meu nome fôra eliminado pela magnanimidade do Marechal.

Mas eu sentia o meu procedimento vinculado aos mais santos deveres da minha profissão. Já não era o jornalista. Era o advogado, cuja função, alliada inseparavel da judicatura, teve sempre o papel mais eminente na luta pelo Direito, e ficava pelas instituições republicanas obrigada a responsabilidades muito mais altas. Um Governo republicano que recebia com espanto e indignação o exercicio desse sacerdocio collocava-se abaixo dos estados de El-rei Bomba. Foi o que eu lhe lembrei, appellando para um depoimento de Gladstone.

Os advogados e magistrados inglezes quizerão tributar um preito excepcional de veneração á celebridade européa do maior dos advogados, ao mais eloquente dos Francezes,

no mais cavalheiresco patrono de todas as causas do indivíduo individual contra as oppressões do Estado. E para essa obra extraordinaria elegêrão a fórma de um banquete. Em todas as sociedades, onde a mesa é uma das expressões finas do gosto, e os *gentlemen* se co' hieem pela distincção no comer, os homens de espirito sempre se deleitam em trocar e celebrar as maiores commemorações *à ter p'culo*. O banquete de Lamartine não decahiu da sua sublimidade com a heroína nessa campanha dos banquetes, que fez, em França, uma revolução. Nos paizes onde floresce o saber, a liberdade e a eloquencia, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, os homens de Estado, os homens de sciencia, os homens de letras pertencem todos, mais ou menos, a essa classe de *papa-jantares*. O que elles não são, é cannibae. Os festins que elles rejeitarião, são os de sangue humano. No banquete offertado, em 1864, pelos juristas inglezes ao gigante da tribuna forense, o orador incumbido pela classe de saudar a Berryer, o mais famoso antagonista do Imperio, com o qual a corôa de Inglaterra vivia nas relações mais cordiaes, foi o *attorney-general*, um membro do Governo; e Gladstone, unindo á d'elle a sua voz, Gladstone, então Chancellor do Thesouro, disse pouco mais ou menos: «Sempre comprehendí que a instituição dos advogados é inseparavel da nossa existencia nacional, das nossas instituições nacionaes; mas, emquanto a considerei só em relação á Inglaterra, não lhe tinha medido bem o valor. Ha alguns annos, porém, tive occasião de visitar certo paiz, ao sul da Europa. Alli o Poder Executivo não se limitava a transgredir a lei: conculcava-a systematicamente, substituindo-a por um regimen de arbitrio illimitado. Com assombro meu verifiquei então que a tyrannia, cujo desabrimento acabára com as Camaras, absorvêra os municipios e extinguiu a imprensa, só uma cousa não conseguira: emmudecer o fôro. Nos tribunaes de justiça, que percorri, ouriçados, como estavam, de bayonetas, vi, ás barbas do poder, com desprezo da corrupção official, em desafio aos perigos de um Governo sem lei, vi os advogados

«Tribem-se dos seus lugares, para propugnar a causa dos perseguidos, com uma independência e uma destemidez que aqui na livre Inglaterra seriam excedidas, e que o proprio Berryer não excederia.»

Querião, pois, os apologistas do crime de 7, 10 e 12 de Novembro. Me esta cópia satisfeita da Republica dos Estados Unidos não se não se elevasse sequer ao nível do Napoles dos antigos. Querião que o fóro brasileiro trahisse o seu dever supremo, que não houvesse um advogado para exprimir a sua repulsa á suppressão brutal das garantias constitucionaes. Foi o que a minha iniciativa impedio. Outros, certamente, farião o que eu fiz, se a indignação me não houvesse acelerado o protesto. Infelizmente o terreno não estava preparado. Apenas um suffragio, no Supremo Tribunal Federal, acudio ao meu appello. Eu não sei traduzirvos o que passou por mim, quando, levantada a sessão, me achei diante do homem, cujo voto, naquella occasião, salvou de sossobrar a minha esperança de justiça. (*Applausos*). Quando Henrique de Guisa expellio de Pariz Henrique III, o primeiro magistrado de França, Achilles de Harlay, exproboou-lhe duramente os excessos de sua ambição; e o atrevido lidador, que não recuára ante a corôa do seu Rei, tremeu da magestade do Juiz. «Tenho me achado nos combates, nos assaltos, nos encontros mais perigosos do mundo; e nunca me senti commovido como em presença deste personagem». (*Bravos*). Buscando entremostrar-vos assim a minha impressão, ousarei, com o respeito devido ás cousas sagradas, murmurar aqui o nome do Dr. Pisa e Almeida (*bravos, applausos*), a quem, perturbado, tentei beijar a mão, que elle modestamente retirava.

A semente germinou; e, um anno depois, coroava-se a justiça da sua primeira victoria, restituindo á liberdade os cincoenta e dous prisioneiros do *Jupiter*, cujo patrocínio eu assumira. Mas a noite da dictadura marcial baixava rapidamente sobre a Republica, os animos vacillavão sobre a pressão das sombras imminentes, e o terceiro *habeas-corpus*,

a minha terceira tentativa de reivindicação constitucional, cahio como a primeira, bem que já então apoiada em maior numero de votos. Nesse dia, carregado de tristezas e ameaças, uma multidão de secretas coalhava o auditorio do tribunal. Sabiam's acabrunhados, mas com a pelle illesa. A legião policial não tinha as nossas expansões de contentamento, em que exercer a sua sanha.

Entretanto, a minha campanha constitucional não se limitava a esses recontros. A grande batalha decisiva preparava-se nas acções por mim intentadas a favor dos officiaes reformados e lentes demittidos.

Quando, na minha casa á praia do Flamengo, se fazia a Constituição republicana, quando, nas sessões de Itamaraty, eu era commissionedo pelos meus collegas para defendel-a em nome delles perante Deodoro, quando, no Congresso constituinte, lutavamos contra os erros que nella introduzirão tão enormes aberrações, quando, dissolvido, em Fevereiro de 1891, o Governo Provisorio, o Sr. Francisco Glycerio me aconselhava escrever o commentario do novo pacto nacional, sempre suppuz que tivessesmos feito uma lei para se impôr a todas as leis, dominar todas as vontades, e calar todos os interesses, que tivessesmos decretado, em summa, uma Republica effectivamente republicana, não esse taboleiro verde, onde a força e a fortuna jogão entre si o dever das posições, a honra dos principios e o futuro do paiz. Por isso não me julguei autorisado a absolver os crimes audazes do poder, e animar os despotas insolentes. Minha convicção era que cumpria resistir-lhes francamente por meio dos tribunaes; e a minha parte preponderante, capital na organização do pacto republicano, fazia para mim, desse dever, um caso de consciencia imperioso.

Vêde como varião os tempos. Quando se annunciou o meu proposito de inutilisar por uma acção judicial os famosos decretos, um dos mais eminentes membros do Supremo Tribunal interrogou-me sobre as minhas intenções, com evidente expressão de incredulidade quanto á exequi-

lidade jurídica do meu commettimento. Hoje onde encontrarei sempre sólo menos firme em apoio do direito constitucional reivindicado pela minha iniciativa, ali exactamente que surge a pretensão de corrigi-la, arguindo-a de deficiente. Bem aviada estaria a causa da resistencia legal, se contasse com o radicalismo serido desta classe de entusiastas, coxos durante a perseguição, e, passado o risco, préssurosos em transcender a meta.

As verdades constitucionaes, em que estribei a causa dos meus constituintes, erão então heresias de lesa-magesdade, artificios abominaveis, que me valêrão nos circulos officiaes o titulo de « perverso », de summo responsavel por todas as desordens possiveis, de chefe odioso entre todos na vanguarda dos anarchistas. Foi á custa de havê-las sustentado que comprei a honra da perseguição e do exilio. Hoje da primeira á ultima instancia a justiça federal pronunciou o seu *veredictum*, canonisando uma a uma as minha invenções.

E, para cumulo do triumpho liberal, o Poder Executivo, o definidor supremo do bem e do mal n'um paiz habituado a esperar do Governo a ultima palavra em todos os assumptos, o Poder Executivo, inclinando-se, com uma dignidade pela qual todos os louvores ao Presidente da Republica são poucos (*apoiados*), ante o aresto vingador, sellou, com a sua adhesão fundamentada, a consagração judiciaria dos grandes remedios constitucionaes contra as invasões do poder. Ahi tendes, em breve espaço, a transformação das blasphemias anathematizadas em dogmas orthodoxos. E por ahi, de ora avante, podereis avaliar de intuição a autoridade das opiniões constitucionaes da escola furibunda, que imaginou associar Washington e Danton, incarnando na Constituição dos Estados Unidos o espirito do Terror.

O desterro sob ameaça de morte, a que fui obrigado, não me permittio, infelizmente, concluir a tarefa, em que eu puzera toda a minha alma. Passado, porém, o periodo atroz do phrenesi patriotico, a questão pôde seguir o seu

curso, graças á firmeza do general Barreto e seus co-
nheiros, servida pela competencia profissional de um moço
o Dr. Cavaicanti, por cuja contribuição para este resul-
me é grato exprimir aqui o meu reconhecimento.

A esse, eu vos pediria lizeza, para juntar aqui, num
curto parenthesis, o meu agradecimento pelo interesse com
que, na imprensa e entre nós, ha pouco se manifestou a
respeito do façanhoso decreto florianista que me tirou as
honras militares sob o pretexto de traição á Patria. Eu rogo-
lhe que não insista na sua propaganda. O decreto de 1893
deve subsistir ao lado do de 1890. Coube-me a distincção
de ser duas vezes condecorado: por Deodoro e por Flo-
riano. Essas duas dignificações completão-se. A maldição
responde á benção. São cousas que já pertencem á historia.
Ahi não podem nada os poderes do Estado. Eu nunca me
lembrei do titulo de general, senão, pensando com saudade
no coração do heróe, que m'o déra. Esta impressão resu-
mia para mim todo o valor da dignidade imaginaria, que
nunca fiz passar pela tenda do sirgueiro. E essa impressão
durará, enquanto eu não principie a ser ingrato. O decreto
do homem de ferro, eu diria, —do homem de morte... a
honra que elle se propôz a me arrancar, não foi a dos
galões, que o dictador sabia não me competir: foi a do meu
nome, diffamado no poste de um acto do chefe da Nação.
Mas essa não estava ao alcance da mão que o assignou,
mais ensanguentada que a de Macbeth. O Governo não po-
deria restituir-me o que o Governo não podia roubar-me. Dei-
xem-me o contraste desses dous quadros historicos na minha
galeria: o furor do despota e a gentileza do cavalleiro. Con-
siderem os meus amigos no meu embaraço, se esse titulo
mal ageitado á minha pessoa me tornasse hoje á casa. Que
iria eu fazer delle? Ha um presente que eu acceptaria: o
autographo do iroso Decreto com a firma e a referenda. Não
faz má figura, em uma collecção de curiosidades particula-
res, o ferro gasto do estylete, a cuja ponta escapamos.

As sentenças que aqui estamos honrando, senhores, e os

do Poder Executivo pautados por ellas acabão de fundar entre nós a Republica constitucional. (*Apoiados*). Quem lê as Constituições realidade, não é nem a intelligencia, que as concebe, nem o pergaminho, que as estampa: é a magistratura, que as defende. A essa magistratura, pois, acima de tudo cabem as nossas nomeações. Nada é mais antigo, na civilização occidental, do que essa concepção da justiça como uma potestade moral mais alta do que a propria vontade dos Cesares. *Forum et jus*, fóro e lei, dizião os Romanos, formulando em duas palavras a essencia do direito individual na luta contra as mais poderosas oppressões. Tiberio era pobre diz Tacito, e possuia poucos haveres na Italia; mas, quando entrava em litigio com cidadãos romanos, os tribunaes pronunciavão: *forum et jus*. *Forum et jus*, responde a justiça federal ao espectro da dictadura, defunta, mas, ainda acclamada no circulo dos pretendentes á sua successão. A Republica de ora em diante conhece o seu fóro e a sua lei. Ao seu fóro serão citados todos os poderes, em nome da Constituição. Pela sua lei serão refreados todos os poderes, que á Constituição não obdecerem.

Ha ainda, entre nós, uma escola, ou melhor diriamos, uma ignorancia, que não quer isso. Em toda a parte a politica é mais ou menos francamente inimiga da independencia da magistratura. A electividade da magistratura, por exemplo, não é mais do que uma expressão desse máo sentimento; porque a tendencia dos povos, como a de todos os soberanos, é para o absolutismo. E quando a funcção judicial se agiganta, como no regimen americano, com um poder novo, é natural que as facções se enfuriem contra ella; de modo que, para se oppôr ás facções, como as dictaduras, necessario é reunir nos tribunaes superiores as mais altas virtudes do paiz. Por isso eu quizera que a regeneração civil da Republica se convencesse de que na escolha dos juizes para essa magistratura está o supremo interesse da nossa salvação constitucional. Maldita a mão do chefe

do Estado, que introduzir alli um incompetente! *Ille est sacer locus.*

Quando, ha pouco, nos batiamos contra essa amnistia bastarda, e que o Sr. Patrocínio, se me não engano, chamou «correcional», demonstrando a inconstitucionalidade das suas restricções, que espero ver, dentro em breve, annulladas pela justiça federal, eu figurei a hypothese de que entre os injulgadamente condemnados por essa medida poderia haver innocentes, e de que esses, ao menos, não deverião incorrer em penalidade. E como me responderão, senhores? Dizendo-me: «Sois um pregador de revolta. Culpados ou innocentes, todos esses, a quem este projecto se refere, quer o Congresso que fiquem envolvidos na mesma repressão. E o Congresso é soberano. E o que o Congresso fez, está feito. E a doutrina de que os tribunaes podem nullifica-lo é uma invenção incendiaria.» Não, repliquei eu. Não ha poderes soberanos, neste regimen. Todos os poderes são subordinados á Constituição; e, se della exorbitão, hão de voltar a ella pela força constitucional da autoridade judiciaria. Felizmente a materia já não é hoje opinativa. Temos a respeito a lei unanime e definitiva dos arestos. E, quando nas nossas escolas primarias se ensinar o que é comesinho nas americanas, as crianças, no Brazil, ficarão sabendo o que hoje certos pais da patria ignorão.

O ideal desses classicos do republicanismo, que dão á legislatura direitos illimitados contra os nossos direitos, e reconhecem ás maiorias parlamentares o arbitrio de esbulhar-nos das faculdades inviolaveis da defesa, esse ideal está nos monstros de 93. Robespierre dizia: «Só aos patriotas se permite advogado.» (*Riso.*) Merlin, Ministro da Justiça sob o Directorio, consultado sobre si se devia admittir patrono a um emigrado, que o pedia, respondeu que o pensamento da lei era justamente vedar de todo a defesa aos emigrados. Quando se elaborou essa lei, que punia com o patibulo o crime de emigração; um orador levantou a voz a favor dos

criados, que, por fidelidade, houvessem acompanhado os amos ao estrangeiro. Mas o relator da commissão fê-lo recuar, dizendo: «Esta lei é uma lei de guerra. Por que nos havemos de embarçar com algumas injustiças, que nos arreite?» Os tribunaes, que, em esta especie de constituciona- listas creita com entusiasmo, são — que têm o seu typo no — o Tribunal Revolucionario, onde a unica fórmula era a morte. A unica justiça o appetite da facção dominante. Relator do projecto, que o instituia, Couthon, um dos magarefes do Terror, declarou que todas as regras do processo devião ser quebrantadas a bem do interesse commum: «Aqueles que pretendem subordinar a salvação publica aos preconceitos dos tribunaes, aos inventos dos juriconsultos, conspirão assassinar juridicamente a patria e a humanidade.»

Bem sabeis de que modo esses praticos da demagogia salvarão a Republica em França: preparando a dictadura de Napoleão, em cujos conselhos muitos dos proceres da anarchia republicana servirão depois humildemente, transfigurados em cortezãos, nas fileiras da administração e da nobreza Imperial. A politica de sangue acabou com a Republica, alienando-lhe o espirito da nação. Chateaubriand dizia: «A revolução ter-me-hia arrastado, se não estresse a afogando-se em crimes; mas, ao vêr a primeira cabeça espetada na ponta de uma lança, recuei.» Entre nós, muitos, que já estavam na Republica, retrocederão, quando virão triumphar a justiça dos saccoes de cal, a salvação publica do regimen dos delatores, o patriotismo do fuzilamento dos prisioneiros, a democracia do parasyta, do secreta e do sicario.

Esse rectio, esse refluxo para o antigo regimen, se não continuar, será graças ao regimen da justiça, que principia. (*Apoiados.*) Saudemos, pois, á magistratura federal. (*Applausos*). Ella não se acha representada neste convivio. A magestade semi-divina do seu cargo não lhe permite entrar familiarmente no torvellinho das opiniões, na zona agitada do nosso enthusiasmo. A desinteressada dignidade do seu papel oppõe-se á sua presença nas festas da gratidão pelos

seus beneficios. Segue-se, porém, que esteja ausente? Não; porque ella está virtualmente em toda a parte,—neste ar de liberdade, ainda imperfeita, que respiramos, neste ambiente de esperança que nos envolve. Porque, afinal, senhores, todo o bem, de que vive um povo civilisado, se resume neste elemento de confiança a que se chama justiça. Por que é que o dia é azul? Por que é que a noite é estrelada? Por que é que a natureza resplandece em maravilhas de ordem, graça e fecundidade? E' porque as vibrações do ar impalpavel, que compõe a atmosphera, e as ondulações do ether hypothetico, que occupa o espaço infinito, não cessão de conduzir silenciosamente até á retina de nossos olhos, até ao tecido dos nossos pulmões, até ao sólo do nosso planeta a luz, o calor e a vida. Supprimi esse ar, que se não vê, esse ether que se não colhe; e a terra, esteril, apagada e cega, rolará ás escuras pela immensidade. E' a imagem de uma sociedade, de onde se extinguiu a justiça, com a differença, para peor na esphera moral, de que as trevas em cujo seio se precipita a sua quêda, não cobrem um mundo morto, mas um mundo que se mata, uma raça que perdeu a visão do direito, mas adquirio o faro da carniça, uma chusma confusa e odiosa, que esfervilha no lodo e no sangue, tomando as allucinações do seu instincto por claridades da razão. (*Bravos, applausos*).

Mas, senhores, não ha justiça sem imprensa. A publicidade é o principio, que preserva a justiça de corromper-se. Todo o poder, que se occulta, perverte-se. Motivos de sobra tendes, pois, para vos ensoberbecerdes dessa profissão, da qual fallava com orgulho um dos mais gloriosos estadistas modernos, o Conde de Cavour, dizendo: «*Anch'io sono stato giornalista, e me ne onoro.*» A ella attribuiu essencialmente o unificador da Italia livre a cultura da sua vocação para o governo do Estado: «*Se non fosse stato giornalista, non sarei divenuto uomo politico.*» O jornalismo põe o homem em communicação viva com a sua nacionalidade pelos infinitos órgãos de relação que a publicidade estabelece, e franqueia-lhe uma escola

singular de experiencia, trabalho, discreção e intrepidez. É por elle que o olhar da Nação mergulha nos tribunaes, é por elle que a justiça reanimadora illumina a Nação. Nos conflictos entre a magistratura incrimina o poder armado, onde está a força da magistratura. Na opinião publica, echo da consciencia nacional. É o órgão essencial da opinião publica e a imprensa. N'elle encerra tudo o que é terreno. Mas, ao mesmo tempo, tem sobre outras expressões estabelecidas do sentimento popular a vantagem de não ser arregimentavel, como as maiorias parlamentares, pelos chefes de camarilhas, e de não achar-se entregue á mentira politica da eleição.

Vejo-me rodeado aqui de jornalistas, representando os matizes mais differentes da opinião. Mas parece-me que, se entre elles se houvesse de pôr a votos a escolha de uma folha, em que se personificasse a representação geral da imprensa brazileira, o escrutinio recahira unanimemente no *Jornal do Commercio*. Assim, se se houvesse de nomear, entre publicistas britannicos, a imprensa typica da Inglaterra, ou em um congresso de jornalistas europeos o *leading journal* da Europa, a eleição seguramente designaria o nome do *Times*. Escreveu Bulwer Lytton que, se tivesse de deixar á remota posteridade um monumento de civilisação da Grã-Bretanha, escolheria não as suas docas, não as suas vias-ferreas, não as suas obras de arte, não o palacio magnifico de seu parlamento, mas simplesmente uma collecção do *Times*. Eu creio que a posição do *Jornal do Commercio*, neste paiz, é semelhante. (*Apoiados*).

Na conquista judiciaria do nosso direito constitucional, em que tão grande papel cabe á imprensa fluminense, a parte do *Jornal* é digna delle. Por isso a dictadura o odiava, e o demagogismo não lhe perdôa. Se o seu chefe atravessou a salvo o Terror, foi graças a quatorze mezes de homizio, mais cheios de incertezas, de angustias, de perigos do que os carceres duros do dictador. Eu creio que interpreto os vossos sentimentos, referindo-me aqui ao jornalista de raça, ao lutador de tempera, ao cidadão de escol, á alma forjada nas fragoas do trabalho, cuja administração, cuja inspiração, cuja devoção

duplicar-se em tres ou quatro annos a importancia lentamente adquirida por esta folha em mais de meio seculo de vida. (*Apoiados*). Quem poderá olvidar esses bons tempos de «consolidação do caracter nacional»? Santa época em que até as lentes astronómicas, os instrumentos da sciencia desinteressada e humana, tinham convertido em meios de espionagem e de ligação. Ainda bem que os senhores, aqui, onde me vêdes, na minha humilde posição de «pequeno da terra tão pequeno», contão-me que fui procurado e descoberto no convez do *Magdalena*, como se procurão e descobrem os astros no céu: por uma luneta de observatorio.

Esse periodo, que foi, para outros, pingue cevadoiro, atravessou o *Jornal* fechando o rosto á servidão, estampando a sua indignação na sua reserva, guardando sob o silencio condemnador dos tyrannos o deposito sagrado da liberdade, que não lhe era licito corromper, nem sacrificar. Esse periodo, em que outros medrãrão no monopolio da liberdade de adular, elle o transpoz com a consciencia tenaz, a fé de officio limpa, a altivez na fronte erecta e triste. Como a corrupção e o medo forão inuteis contra elle, veio o assalto á algibeira, a embuscada bancaria. Tive occasião de escrever, na Europa, ao Dr. José Carlos Rodrigues que eu acompanhára esse incidente com a anciedade de quem estremece pelo destino de uma entidade necessaria á nossa propria vida. A' distancia em que me achava, entretanto, senti quasi que me passarem pelos dedos os fios do conluio. Bem perto dos meus olhos circulavão as cartas, em que o syndicato prelibava a satisfação da preza. O novo senhor desta casa fallava nella como em cousa já sua. Tinhão-se apoderado de tudo: faltava-lhes triumphar aqui. Parecia-lhes que por aqui se assenhorearião do espirito do paiz. Esquecião que o que fez grande esta casa foi o ser livre. (*Apoiados*.) No dia em que estes salões fossem invadidos pelos corteziãos da força, a confiança da Nação abandonaria estes tectos; e a magnitude do seu material não serviria senão para dar maiores proporções ao descredito e a caducidade da empreza. No dia em que a conjuração foi derrotada, em que, ao rebate do director do *Jornal*, o publico fez do

seu credito uma rocha em torno da qual, todo o paiz sentio que se tinha salvado uma institução nacional. (*Applausos.*)

Senhores, tenho-me aborrecido em demasia... Como responder condignamente a estas louvações, de precedencias tão differentes? O exercito, a magistratura, o magisterio, a mocidade estudiosa, a imprensa da república... Cada uma dessas expressões da patria teve aqui a sua voz eloquente. Eu não sou de encontrar em uma fórmula, que consubstancie todas essas forças, todas essas nobrezas, e bebo á justiça e á imprensa! (*Applausos.*)

Senhores, todos vós, que me ouvís, conheceis o maior espectáculo da natureza: o oceano, o mar livre e solitario. Para experimentar o sentimento do universo indefinido, é necessario ter perdido de vista a terra, e fluctuar dias e noites pelo deserto incommensuravel das ondas. É a immensidade da força, a soberania tranquilla dos elementos em uma expressão quasi consciente, a poder de magestade. Quando o nauta absorto lhe estende os olhos pela superficie em busca dos limites fugitivos, e fita o ouvido aos seus rumores mysteriosos, muitas vezes as aguas parece murmurarem: « Eu sou a dominação, a vontade e a lei; a terra não existe senão por um favor da minha omnipotencia, e poderia desaparecer por um capricho da minha volubidade.» Perguntai, porém, ao firmamento constellado se o orgulho do mar esteril não mente: os astros riem no céu; a cupola anilada encinta o horizonte; e a viração que acaricia os flancos da nave, dirigida pela intelligencia do homem, vos está lembrando as energias irresistiveis do vento, a cujo sôpro obdece o oceano. São os impulsos que vêm do alto, senhores, são as influencias superiores do espirito que movem o mundo humano, que revolvem ou applacão a multidão. E, dessas influencias, a maior que já se conheceu, abaixo da religião, é o da publicidade moderna. (*Bravos, applausos.*) Ella está confiada ao vosso criterio, senhores da imprensa. Exercei-a, ensinando a Republica a volver os olhos para a justiça, como o navegante para a estrella polar, e habituando o povo a reconhecer que a

sua soberania tem no direito inalienavel limites eternos. (*Brevos*)

A justiça, pois, e a imprevisão as duas forças da liberdade
as duas âncoras do futuro, não salta contra o regresso
do passado nefasto. (*Brevos*)

